

# A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

## PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE

*Dirigir todas as ped. das assignaturas e numerar as cartas : em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 42, rua da Atalaya, Lisboa ; e no Brazil, ao sr. JOSE DE MELLO, 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro.*  
*Preço do numero á Paris, 1 franc.*

7.º ANNO.— VOLUME VII.— N.º 18

PARIS 20 DE SETEMBRO DE 1890

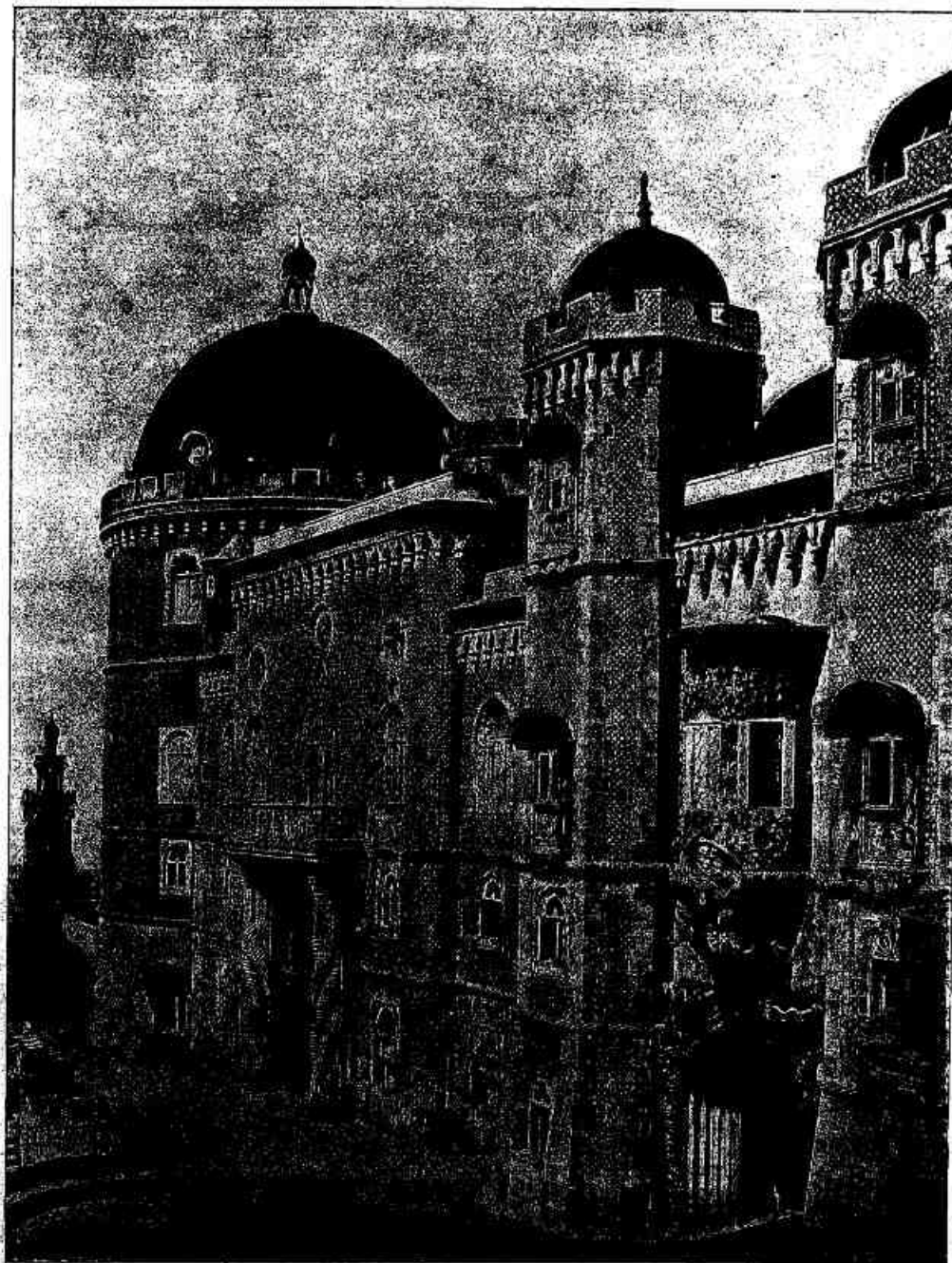
Gerente em Portugal e Brazil : DAVID CORAZZI.

## PORTUGAL

DAVID CORAZZI, 42, RUA DA ATALAYA, LISBOA

### ASSIGNATURAS :

ANNO.....	2.100 REIS
SEMESTRE.....	1.200 —
TRIMESTRE.....	600 —
AVULSO.....	100 —



PORTUGAL PITTORESCO. — O CASTELLO DA PENA, EM CINTRA.

(Entrada principal.)





## CHRONICA

### A NOSSA DECADENCIA

**E**U peço licença para estar em absoluto desacordo com os jornalistas e com os oradores do meu país, que, a propósito do offensivo ultimatum e do insolente tratado anglo-português — andam a gritar por toda a parte que isto é um país decadente, que isto é um país perdido!

Decadente, porque?... Perdido, por que motivo?...

Porque lord Salisbury nos annou umatacação no interior de Moçambique, para depois nos mandar um ultimatum e nos metter medo com os seus couraçados?...

Porque o sr. Híntze Ribeiro, em vez de apelar para as potências e recusar quaesquer transacções com quem queria negociar comenos ameaçados-nos, — foi d'un crew léger implorar negociações com o primeiro ministro de Sua Desgraciosa Magestade?...

É por isso que nós somos um povo decadente? É por isso que somos um país perdido?...

Certo que é exaggerar demasiadamente a situação.

Nem o país é o culpado de que ao ultimatum o governo não respondesse com outro ultimatum; nem o país tão pouco está perdido porque o sr. Híntze Ribeiro accedea no tratado imposições que só um país accedea depois de vencido nos campos de batalha.

Paiz decadente e perdido seria aquelle onde os soldados se recusassem a marchar para diante do inimigo, e onde não apparecesse para oppor barreira ao invasor a massa dos homens validos, morrendo pela integridade da patria... Fez-se a experiencia? Recusou algum portuguez a bater-se?

Diz-me-lhão que uma guerra era impossivel porque o nosso exercito não está preparado para ella. Mas disso não é culpado o país, nem por isso se pode affirmar que elle esteja decadente.

O país cumpre com os seus deveres pagando os impostos. No orçamento da guerra ha uma verba annual de cessa de 5:000 contos. Se esse dinheiro não serve para preparar o exercito para o combate, e se é destinado a outros fins occultos, quem são os culpados? Todos os governos que tem considerado questao secundaria a defesa da patria, e por consequente todos os partidos e todos os homens de governo. São esses os decadentes, são esses os perdidos, e nunc o país, nunca a nação?

Não gritem os pessimistas Decadencia! porque o país não pegou em armas no dia 11 de janario de 1890... Gritam contra os governos que nos tem andado a illudir com a existencia d'un exercito que não existe, que é uma ficção, um pretexto para se gastarem por anno 5:000 contos de réis, não se sabe como...

O país está perdido porque se não revoltou contra o tratado de 26 de agosto?...

Mas o que queriam os srs. pessimistas que o país fizesse?... Que os cidadãos viessem para o

meio da rua, e se assassinassem os ministros, e se assassinassem as autoridades, e 4 milhões d'individuos se entregassem a uma feroz e desordenada anarchia?...

Tudo isso são manifestações grosseiras e odiosas, que não significam nem brio, nem patriotismo, nem valor.

Não é o país que está perdido, porque a revolução não veio para a rua, — mas sim o governo que procura entrar em negociações amigaveis com quem nos havia insultado, e que accedea um tratado no qual a Inglaterra estipula que nós nunca poderamos dispor das nossas colonias sem o seu prexio — CONSENTIMENTO!...

Representa por acaso o sr. Híntze Ribeiro a vontade do país, e é por acaso S. Ex.<sup>a</sup> a expressão do brio, da coragem, dos sentimentos... dos portuguezes?... Decento que não.

O sr. Híntze é um ministro d'acaso, escolhido para resolver uma pendencia gravissima para o futuro do nosso país, com a leviandade com que todos os fazedores de gabinetes costumam escolher o seu pessoal ministerial.

Vamos a ver se o homem dá conta do recado! — disseram os seus collegas ao darem-lhe a pasta dos estrangeiros, que era n'aquelle momento a pasta ingrata.

E como o sr. Híntze é uma victima da sua vaidade, accedea de braços abertos a pasta... E por que não?... Que melhor occasião para um vaidoso?... Entrar em negociações com o grande Salisbury, no momento em que Salisbury tambem estava negociando questões africanas com o chanceller do imperio allemão e com o ministro dos estrangeiros de França!...

Que occasião para se arranjar uma celebridade europeia e um nome para passar á historia! E de que modo! E que trez!... Caprivi — Ribot — e Híntze Ribeiro!... Não havia remédio senão accedea — e negociar!

E' o país que está perdido — ou foi o sr. Híntze que nos perdeu?...

Nem o país está perdido, nem o país está decadente: — perdido e decadente só vejo a politica e os politicos.

Um país não é como um individuo que ao cabo de sessenta annos tem a sua vida lida e bem finda. Ha sessenta annos, com as guerras do periodo liberal, os portuguezes deram provas de que não eram uma nação morta ou impotente.

Ganha a batalha da liberdade — palavra que é bom não confundir com a palavra liberalismo — com uma energia e uma coragem verdadeiramente heroicas, o país voltou á sua tranquillidade, ao seu sociego habitual e tradicional, occupando-se da lavoura, da pesca, e d'alguns ramos d'industria nacional ou imitada do estrangeiro.

Quanto á politica, deixou isso aos sabichões e aos palraçotes da Universidade de Coimbra, que é para isso que elles se fazem bacharéis.

De 34 para baixo, nós nunca precisamos mostrar a nossa energia. Para quê?... No reino não tornou a haver mais nenhum usurpador. De fora ninguém nos veio incommodar. Não houve fome, não houve miseria. O unico mal eram os impostos; porque mesmo a politiquice, isso era uma cousa la entre elles, nos corredores e nas salas de S. Bento...

D'aqui resultou que o país foi illudido na sua fé, depositando confiança para a gerencia dos negocios do Estado em quem a não merecia.

Os partidos só pensaram nos interesses dos affilhados. No tocante a instrucção é o que nós sabemos. No tocante a colonias, nem é bom fallar em semelhante vergonha: as colonias só serviam para os vadios, os ineptos e os arruinados da capital, sem faltar nos degradados.

Hoje vemos-nos a braços com um terrivel problema colonial; e por causa do desleixo governativo as nossas colonias em risco de serem expropriadas por utilidade publica, internacional e europeia...

E' o país que está decadente?... E' o país que está perdido?...

Alto lá, senhores pessimistas! Alto lá, senhores governantes!...

Decadentes, perdidos... perdidos e bem perdidos para a nação e para a historia, estão os partidos que não souberam governar os negocios que lhes foram confiados, que não souberam prever o que se passaria fatalmente em Africa, para que as nossas colonias estivessem ao abrigo da cobiça estrangeira...

Nem o país está decadente, nem o país está perdido!

O extracto do tratado foi o primeiro signal de alarime. A publicação do tratado in extenso onde havia cousas ainda mais offensivas do brio nacional, acabou de nos provar que elles, os governantes, são incapazes de nos governar.

E no momento em que escrevo estas linhas lava em todo o país um sentimento de revolta que, longe de ser um signal de decadencia, é um signal de confiança no futuro.

Ha males que vem por bem. Se tivermos de perder Moçambique, lembremo-nos de que a França, tambem por muito dormir, perdeu a Alsacia e a Lorrena.

E lembremo-nos de que a França acordou, e de que a França se tornou forte com a offensa que foi feita ao brio nacional.

Perdidos estão os nossos governantes! Quanto á nação portugueza, essa tenho eu a firme convicção de que ha de acabar com todos os desleixos e com todas as incurias — começando vida nova.

A velha escola politica em que se educaram o sr. Híntze e o sr. Barjona, acaba de soltar o ultimo alento. Ainda bem, e mãos á obra!

Que os novos saibam agora conservar-se firmes no seu posto — e marchar para a frente, implacaveis, sem dó e sem piedade com os verdadeiros decadentes!

MARIANO PINA.

## ANTHOLOGIA PORTUGUEZA

Meu ser evaporesi na lida insana  
Do tropel das paixões que me arrastava;  
Ah, cego, eu cria! ah, misero, eu sonhava  
Em mim quasi immortal a essencia humana.

De que innumeros soes a mente usana  
Existencia fallaz me não doirava!  
Mas eis succumbe natureza escrava  
Ao mal, que a vida em sua orgia damna.

Prazeres, socios meus e meus tyrannos,  
Esta alma, que sedenta em si não coube  
No abismo vos sumiu dos desenganos!

Deos! oh Deos!... Quando a morte a luz me roubou,  
Ganhe um momento o que perdesse annos,  
Saiba morrer o que viver não soube!

Bocage.





## AS NOSSAS GRAVURAS

## CINTRA. — ENTRADA DO CASTELLO DA PENA

A nossa gravura representa a entrada do maravilhoso castello da Pena, construído no mais alto das montanhas de Cintra pelo fallecido rei Fernando II, avô de S. M. o Rei o sr. D. Carlos I.

No local do castello da Pena havia as ruínas d'um velho convento — o convento da Penha — fundado em 1503 por D. Manuel, para os frades jeronimistas.

El-rei D. Fernando comprou as ruínas da Penha assim como do castello dos muros, em 1838, por 700.000 reis, — e não valia mais, diz Pindo Leal, em vista do miserável estado em que tudo estava.

O convento foi transformado no decorrer dos annos n'esse castello feudal, tão gracioso e tão poético, que mais parece uma phantasia medieval d'algum poeta ou d'algum artista caprichoso como Gustavo Duré.

O castello da Pena não será uma obra-prima de architectura, por muitas mi-taradas de estylos que lhe não dão aquelle encanto d'arte como por exemplo tem o castello de Pierrefonds.

Mas é uma caprichosa e delicada phantasia, que nos encanta e nos deslumbra, — e que nos faz lembrar com saudade da nobre figura do sympathico rei que só tinha olhos para a sua joia de Cintra.

Depois da morte do sr. D. Fernando, o Estado comprou o castello da Pena para o offe-recer á coroa de Portugal. Assim devia ser, porque esse castello não podia caber em mãos de particulares, e só podia ter dois fins — ou vivenda real, ou museu.

Mas o que também é preciso é que o governo creche um artista para converter do castello, o ao qual devem ser submettidas quaisquer alterações, decorações ou melhoramentos que ali se queiram fazer.

## AS VELHAS NA SALPETRIÈRE

Todos os nossos leitores conhecem, pelo menos de nome, o hospital da Salpetrière de Paris, onde são recolhidas as mulheres hystéricas, e onde lecciona o illustre Dr. Charcot.

É nas salas da Salpetrière que o famoso medico francez tem feito as suas experiencias de hypnotismo e de suggestão, que de tanta admiração e de tanta critica tem sido objecto em todo o mundo scientifico.

Hoje, por toda a parte, só se falla em suggestão e em hypnotismo, e a tal ponto que até amadores profanos e ignorantes se tem permitido ensaiar por sua conta e risco, como se isto de *hypnotismo* fosse uma distracção para pessoas sem trabalho, como a photographia ou a pesca á linha! Para estes amadores, que também os ha em Lisboa, só ha uma coisa a fazer — chamar a attenção da policia.

O nosso collaborador Vierge, que frequentou muito a Salpetrière onde soffia um tratamento electrotherapico por causa da paralyza que ha annos o atacou, — mostra-nos hoje um aspecto dos mais curiosos da Salpetrière, o compartimento das velhas hystéricas á hora em que tocam a sineta para o jantar.

Parece que vemos desfilarem na nossa frente um cortejo de velhas brachas salidas d'algum conto phantastico.

Tal é o aspecto d'estas creaturas em tratamento na Salpetrière, e com as quaes o Dr. Charcot tem feito as mais curiosas e espantosas experiencias.

## AS MANOBRAS RUSSAS

No momento em que a cavallaria franceza abandona definitivamente a lança, é interessante estudar os esforços dos diferentes paizes para utilizar esta arma d'um modo eficaz.

Foi em seguida ás manobras nas proximidades de Belfort, que o sr. de Freycinet, ministro da guerra em França, d'accordo com o conselho su-

perior de guerra, decidiu a supressão completa da lança na cavallaria.

Um regimento de dragões, encarregado da defesa d'uma passagem, só pode servir-se de 240 carabinas, enquanto os outros homons armados de lança ficaram espectadores inuteis. A experiencia era concludente e, para não immobilisar a metade dos effectivos da cavallaria, ficou decidido substituir a lança pela carabina em todos os regimentos de dragões que estavam em armas, e de si lhes deixar a lança para o serviço do praça.

Contudo, podemos perguntar porque razão não seguiram o exemplo as nações onde a cavallaria é excellente, e que armam os seus lanceiros ou os seus uhlanos com carabina e lança simultaneamente.

Na Alemanha, por exemplo, os uhlanos e os couraçados usam da carabina assim como os dragões, e podem ser empregados no tiro quando a arma branca se torna inutil.

A Russia também procura modificar a sua tactica. O nosso desenho representa uma carga de cossacos n'uma so linha.

Esta manobra foi ensaiada no campo de Krasnoé Selo. Consiste em estender os esquadrões n'uma só linha, espaçados d'uns dez metros uns dos outros, de maneira a offerecer pouca vantagem ao fogo da infantaria e a permitir aos lanceiros de se servirem á vontade da sua arma.

Como se fez ultimamente na cavallaria franceza, só a primeira fila está armada com a lança. O que não impede de levar a carabina e de fazer o serviço de dragões, e mesmo da infantaria, porque a espingarda russa da cavallaria está armada de maneira a receber uma balaeneta.

O que é facto, é que o cossaco é e será ainda por muito tempo o tipo da cavallaria ligeira. A sua sobriedade e o vigor do seu cavallo são tão egualados pela sua bravura e presteza, e sente-se uma grande satisfação ao ver manobrar es os magnificos cavalleiros que, talvez um dia, combaterão ao lado dos cavalleiros francezes, livrando a Europa do jugo dos exercitos allemães.

## BELLAS-ARTES. — A CAMPONEZA

Offerecemos hoje aos nossos leitores mais uma bella pagina da moderna escola d'arte, a soberba pagina da vida dos campos pintada por Jules Breton, e transportada para a nossa revista pelo maravilhoso buril do nosso notavel gravador Gh. Baudé.

Este quadro obteve um extraordinario successo no Salon de Paris, quando alli appareceu em 1887.

A maneira simples e larga do grande artista affirma-se muito particu-larmente n'esta obra, e a vista é deslumbra-da pela poesia dos aspectos, pela harmonia das cores e por uma sobriedade de execução que só se encontra nos mestres.

Esta poetica composição bem merecia um lugar de honra na nossa galeria de bellas-arts. Estamos certos que será recebida p'los leitores da illustração, com o mesmo prazer com que tem sido recebidas as muitas obras-primas cuja posse lhes temos proporcionado.

A illustração tem procurado constantemente pôr o publico de Portugal e do Brazil ao corrente das grandes manifestações d'arte n'este seculo, — e parece-nos que tem cumprido religiosamente o programma que se impoz.

## PARIS NO VERÃO. — CAFÉS CONCERTOS

O nosso collaborador Adrien Marie mostra-nos hoje, n'uma pagina adequadamente comprehendida, os reis e as rainhas da cançoneta franceza, que todas as noites são a alegria da Paris, nos cafes conciertos ao ar livre dos Campos-Élyseos.

Chorae de saudade! vós todos que uma vez na vida haveis podido saborear as alegrias d'uma noite no Alcazar ou nos Ambassadeurs.

Chorae de tristeza! vós todos que ainda não haveis podido ver e ouvir uma d'essas deliciosas creaturinhas, provocadoras como Valti ou Naya, adoráveis como Darly.

Chorae todos de saudade o mais de tristeza! Porque essa hora de alegria e de bom humor, no verão, nas noites calidas de agosto e setembro, só se encontra n'esse palmo de terra que fica entre o Arco de Triunpho e a Praça da Concorcía...

Podem correr á vontade toda essa Europa, e mais as duas Americas, e ate a Africa em todas as direcções, que a cançoneta só ali a encontram e só ali se pode ouvir, — essa cançoneta contra a qual tanto tem pregado os moralistas, mas que

são alegremente aos nossos ouvidos, arrancando-nos por um momento a monotonia e a tristeza da vida.

Viva a cançoneta! E vivam as lindas parisienças que as cantam!

Adrien Marie estende o seu lapis até ao *Jardin de Paris*, e também nos offerece um *croquis* da Goulue, a famosa cancionista dos hailes publicos de Paris. Que os leitores pudessem fechar os olhos! A Goulue está na attitude de levantar a perna... Alguma coisa de extraordinario se vai agora passar!

## MEZES ILLUSTRADOS. — SETEMBRO

O nosso collaborador Habert-Dys continúa hoje com uma regularidade que muito nos penhora, apesar dos innumeros trabalhos que o rodeiam, a sua encantadora série dos mezes illustrados.

O mez de setembro é mais uma pagina adoravel, tratada com o sentimento e a graciosa poesia que tanto tem distinguido estas suas composições.

## POSSESSÕES FRANCEZAS EM AFRICA

Na pendencia colonial havida ha pouco entre a França e a Inglaterra, esta reconhece o protectorado francez de Madagascar, assim como admittiu a influencia franceza nas regiões do oeste africano, ligando as colonias mediterraneas com o Senegal.

Publicando a carta approximativa das novas possessões francezas no oeste africano officialmente reconhecidas pela Inglaterra — temos por fim mostrar aos nossos leitores como a Inglaterra tudo reconhece e tudo admittie quando um paiz lhe falla com altivez.

Em Portugal não succedeu o mesmo; tivemos ministros que quizeram transigir com a insolencia britannica, que não protestaram perante a Europa contra a espoliação de que fomos victimas; e ali está como chegámos a esse vergonhoso tratado de 20 de agosto, que não é só o approprio d'um partido, — mas até a vergonha d'um paiz!



## A LENDA DO ELEPHANTE BRANCO

N O anno passado, Lord N... resolveu offerecer ao *Zoological Garden* um verdadeiro elephante branco. Phantasia de fidalgo millionario.

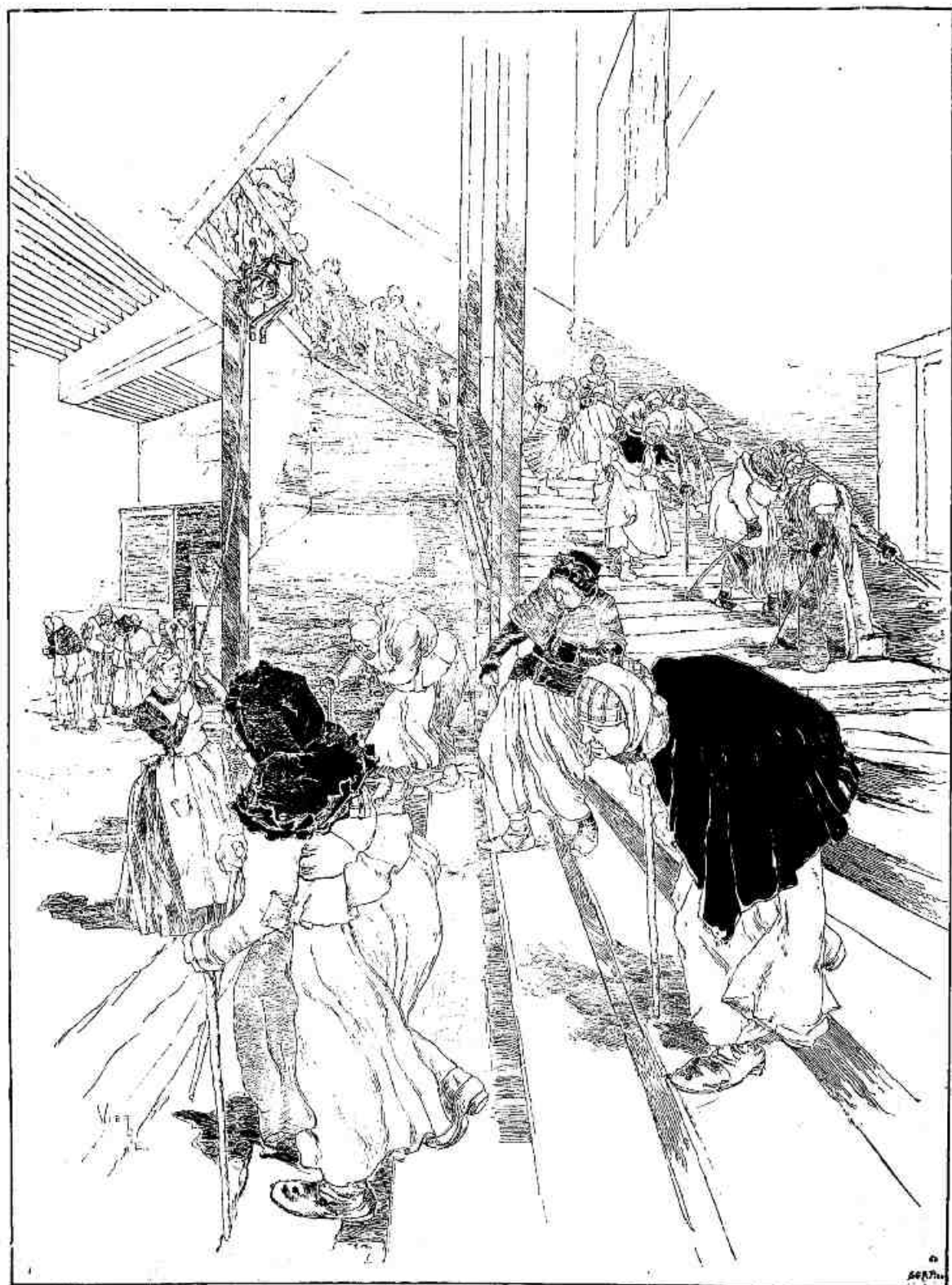
Londres acabava de adquirir, com grandes despesas, um elephante pardo, semeado de manchas rosadas; mas este pretendido idolo inde-chinez era de qualidade duvidosa, no dizer dos experientes. Segundo estes, o principe birmano que, a troco d'um milhão, o cedera ao esperto Barmam, ivera, para vender mais caro o animal, de fingir o sucilegio d'aquelle trafico... ou antes, se o *Zoological Garden* tivesse concedido só a metade d'aquelle preço, o famoso *puffist* devia ainda assim estar, com certeza, muitas vezes indemnizado dos seus verdadeiros desembolsos.

Efectivamente, se, em muitos paragens da Asia septentrional, um pachyderme d'aquella especie mais que rara está revestido do caracter sagrado que lhe confere um valor soberano, diz-se isso apenas no caso em que não desperte senão a purissima idéa d'uma ambulante e intacta « collina de neve ».

Os elephantes de cor mal definida, ou manchados por mais d'uma cor, não tem mais do que as honras d'uma superstição, para não dizer completamente nulla.

Portanto Lord W..., por orgulho nacional, concebeu, para acabar com todas as duvidas, o intento de enriquecer a Inglaterra (mas d'esta vez incontestavelmente) dando-lhe o verdadeiro animal augusto.

A idéa fôra-lhe suggerida pela secreta confidencia d'um grande viajante, seu amigo. Este explorador atrojado, arriacra-se, durante lon-



HOSPITAES DE PARIS. — A' HORA DO JANTAR NA SALPÊTRIÈRE. — COMPARTIMENTO DAS VELHAS.



RUSSIA. — AS GRANDES MANOBRAS. — NOVA TÁCTICA DA CAVALLARIA COSSACA.



gos annos, a ir ao fundo de mysteriosas florestas banhadas pelo Nilo birmano, de nascentes tartaras, o Zrawadi. — Ora, affirmava elle, que no decurso das suas explorações pelas cidades perdidas, pelas ruínas mortas dos templos, pelos rios, pelos luminosos valles do Minnapore, succedera-lhe, n'uma formosa noite, entrevêr, — no luzir d'uma clareira pouco distante d'uma velha cidade santa, — o mystico elephante branco, cuja cor se confundia com o luar, acompanhado por hieratico mahout que ia cantando orações. — N'um mappa especial estava marcado, perto de 22.º grau de latitude, a affastada cidade em cujos arredores o viajante viria a insólita apparição.

O projecto allagado pelo nobre Inglez apresentava diversas difficuldades de execução. Comtudo tendo chamado o illustre domador Mayeris e tendo-lhe mostrado o mappa e a nomenclatura dos perigos inherentes á empreza, offereceu-lhe, fóra as despesas da viagem d'elle e dos seus companheiros, a quantia de 100:000 libras, se, conseguindo apanhar e conduzir até ao mar, através as povoações birmanas, o elephante designado, o audacioso domador lh'o entregasse no Tamisa, « posto no caes », para o Zoological Garden.

Mayeris, depois d'um instante de silencio, accetou.

Assim que teve o contracto na algibeira, alguns dias lhe bastaram para juntar meia duzia de aventureiros do sangue-frio e experiencia a toda a prova. Depois, como homem pratico, tendo pensado que, para fazer passar através as ameaçadoras extensões d'um tal paiz, um elephante branco, era, antes de tudo, indispensavel tingil-o, o domador procurou que tinta poderia resistir melhor ás intemperies eventuaes, e acabou por arranjar, muito simplesmente, alguns barris da Agua para tingir a barba e os cabellos mais em voga na gentry.

Cerca de tres mezes depois, da partida Mayeris e os seus companheiros, chegados havia muito tempo á Asia, tinham subido o Siring n'uma jangada construída já para o rupto que se apunham realisar. Á força de desreza e de bons acasos tinham chegado, atravessando solidões, a algumas milhas da velha cidade sacerdotal, marcada no mappa.

Para justifiarem a sua presença e conquistarem olhares favoraveis, tinham começado, como simples caçadores de peles, por destruir um casal d'aquelles grandes tigres longilindos que, com o rhinocerante, aterrorizam estas regiões. Depois aproveitando-se das sympathias que esta brilhante estirpe atrahira sobre elles, tinham sabido espiar, distraidamente, os costumes, na floresta, do elephante branco e do seu mahout; tinham até conquistado, em diversas occasiões alguma sympathia d'um e d'outro, por signaes de veneração e presentes. Portanto, no dia em que Mayeris julgou que chegara o momento opportuno, tendo tomado todas as precauções, dispoz os seus homens para a emboscada.

A clareira onde estavam de malaya, não longe do rio onde o elephante vinha beber á claridade dos astros, era quasi sempre deserta, sobretudo á noite. Atravez as largas folhas e os ramos pendentes das arvores gigantes, das mangueiras, das palmeiras, os aventureiros viam, ao longe, as cupulas de estellares dolíades, as flechas dos templos, os marmores das torres da cidade consagrada ao eterno Gadamabouddha. E, d'aquella vez, o maravilhoso da visão pareceu-lhes ameaçador! A antiga propheta popular do paiz succidia, como um archote, no fundo das suas memorias, a sua chamma supersticiosa: « No dia em que outros povos vissem, entre elles, um elephante branco da Birmania, o imperio estaria perdido. » A tentativa resollida pareceu-lhes pois, n'aquelle momento tão perigosa e tão cheia de sombrias ameaças, que, apesar de todo o seu sangue-frio, juraram em voz baixa fazer-se mutuamente a esmola

d'uma morte rapida, no caso de se verem descobertos e cercados. — para não cahirem vivos nas mãos cruéis dos adoradores do branco idolo. Para maior precaução, tendo untado com oleo mineral muitas das arvores proximas, estavam preparados para deitar fogo ao bosque ao primeiro signal.

Perto da meia noite, a psalmodia monotona do mahout ergueu-se, primeiro longueta, depois mais proxima, compassada pelas pesadas passadas do idolo. Em breve o homem e o magestoso animal appareceram, dirigindo-se para o rio. — Mayeris que, até então, estava encostado a um baobab cuja sombra o protegia, deu alguns passos na clareira. O encontro com o domador, habiavel n'aquella logar solitario, não podia despertar nenhuma desconfiança: quem ousaria sonhar a terrivel extravagancia que elle mediava?... Tendo trocado com mahout um leuavel desejo de boa noite, chegou-se Mayeris para o animal, que acurciu com a mão, ao mesmo tempo que fazia notar ao mahout a belleza do ceu.

No momento em que o elephante se inclinava para o rio, um dos caçadores, erguendo-se do meio das altas ervas, collou-lhe, para o insensibilisar, e com a rapidez do relampago — as molas d'ago d'uma bomba de chloroformio na extremidade da troncha. O animal, sulcado n'um instante, queimado, atordoado, agitava em vão para todos os lados a sua proboscida, brandindo e sacudindo, ao acaso, a esphixiante mas tenaz bomba: a aspiração de cada esforço ainda mais o entorpecia. O piedoso conductor, sentindo-o vacillar, sahio finalmente do seu exase e quiz saltar para o chão: foi aqui recebido por Mayeris e por um dos seus que, n'um abrir e fechar d'olhos, o ataram e amordaçaram, enquanto os outros escoravam da direita e da esquerda, com fortes troncos d'arbustos, o elephante agora comatoso e mais que meio desfallecido.

Arrancada rapidamente a bomba, tiraram-lhe da curvatura das defezas, os ornamentos d'ouro, os braceletes de pedrarias com que as mulheres da cidade o tinham sobrecarregado e abriram os barris: quatorze braços expeditos pozeram-se então a untal-o, da cauda até ás largas orelhas, embecendo n'uma dupla camada do penetrante liquido até ás ultimas dobras da tromba.

Dez minutos depois, o elephante sagrado, completamente transformado com excepção das marfins, tornára-se preto.

Aproveitaram-se do momento psicologico em que o animal parecia voltar a si para o attrahirem, duell, para a jangada. Apenas elle ali poz os pés, prenderam-lh'o com grossas cadeias de ferro. Armaram á pressa uma barraca de pano para o cobrir; deitaram o mahout n'uma canoa de folhas, desataram as amarras e for ever! Ao amanhecer estavam a vinte leguas de distancia. Dois dias mais e estavam livres de qualquer perseguição. Para se distrahiem retocaram o elephante, cujo entorpecimento ainda não se dissipara de todo. O Mahout morrera de terror. Ataram-lhe uma pedra ao pescoço e atiraram-no á agua, na noite seguinte.

Finalmente chegaram Mayeris e os seus. Eram esperados. A apparente negrura do elephante impressionava, mas os officios inglezes guardaram segredo, e d'esta vez foi com uma boa escolta que alcançaram o mar, onde embarcaram a enorme presa no navio, que os esperava havia já dias lusa.

Ao chegar ao Tamisa, embancou-se o navio. — *Victoria! God protect old England!* — Um colossal tender do railway suburbano transportou o animal para o Zoological Garden, Lord W... chamado por telegramma, já ali estava com o director.

— Aqui está o elephante branco! exclamou Mayeris, radiante: — Milord, faça favor de me entregar o prometido cheque sobre o Banco de Inglaterra...

Houve um momento do silencio, bem natu-

ral, deante da sombria physionomia do animal.

— Mas, — mas o seu elephante branco é preto!... acabou por murmurar o director.

— Isso não quer dizer nada! respondeu, sorrindo o domador. E' que fomos obrigados a tingil-o para o roubar.

— Então faça favor de o distingir! replicou lord W... porque a verdade é que não podemos proclamar branco o que é preto.

— No dia seguinte. Voltou com os chímicos necesarios, para se dar começo sem demora á operação.

Aquelles pozeram-se então a esfregar logo com poderosos reagentes o desgraçado pachyderme, que, voltando-se para a direita e para a esquerda, parecia perguntar a si mesmo com inquietação: « Que diabo me querem estes homens com as suas esfregadollas continuas? »

Mas os acidos da tinta inicial tinham penetrado profundamente no espesso tecido cutaneo do proboscideo, de fórma que combinando-se com os acidos, os reagentes, applicados sem methodo, produziram um resultado inesperado. Em vez de tomar a sua primitiva cor, o elephante tornava-se verde, cor de laranja, azul celeste, violeta, vermelho, — papo de pombo, — reluzia e passava por todas as cores do arco iris. A tromba, — semelhante ao pavilhão multicolor d'uma nação desconhecida, — pendia, immovel, ao lado de uma das suas immensas pernas de cor exotica, — a tal ponto que, n'um momento de admiração, o director maravilhado exclamou:

— Oh! deixem-no! Por piedade não lhe toquem mais! Que monstro fabuloso! é o elephante camaleão! Com certeza viria gente do fim do mundo para ver este animal das Mil e uma noites! Positivamente nunca, nunca, na superficie que occupamos, se viu um animal d'esta ordem antes d'esto bello dia: — pelo menos, estou muito propenso a acreditar-o.

— Para falar a verdade, senhor, é possível!.. respondeu lord W... embascado tambem deante da extraordinaria visão. Mas nos termos do contracto, este senhor deve entregar um elephante branco e não multicolor. O branco, só o branco constitue o valor moral pelo qual eu offereço cem mil libras. Restitua-lhe pois a sua cor primitiva, senão não pago. Como é que se ha de provar que um tal espantallho é um elephante branco.

Dizendo isto lord W... sahio...

Mayeris e os seus companheiros olhavam desconsolados para o animal que não queria embranquecer, de subito o domador bateu na testa.

— Sr. director, pergunton elle, de que sexo são os seus elephantes do Zoological Garden?

— Só um é do sexo feminino.

Muito bem! exclamou Mayeris triumphante cruzamol-os! Esperarei vinte mezes regulmentares da gestação. perante os tribunaes, o filho mulato, será a prova da raça branca d'este.

Seria uma boa ideia, murmurou o director e, acresentou em tom de chacota, decerto que obteria um elephante cor de café com leite se não fosse notorio que o elephante captivo recusa vigorosamente a si proprio as alegrias da paternidade.

— Fabulas, assim como o seu pretendido pudor, tudo isso são historias.

Além de que o elephante branco tem outros costumes. Para maior certeza hei-de deitar nos alimentos que derem ainda que o mate os mais violentos aphrodisiacos, e a sorte que decida.

N'aquella mesma noite, o domador encantado, esfregava as mãos, tendo adquirido a certeza das suas novas esperanças. Em compensação na madrugada seguinte, o descommunal elephante foi achado sem vida na casa dos elephantes. A dose de chusinga fóra forte de mais; morrera de amor.

N'este meio tempo, Mayeris recebeu um ultimatum de Lord W...

O Inglez participava-lhe pelo ultima vez, que não se reconheceria como devedor do preço do elephante mulato; que ainda assim, reprovando



A Illustração, n.º 18. — 20 de setembro de 1900.

BELLAS-ARTES. — A CAMPONEZA. — QUADRO DE JULES BRETON.

Gravura de Ch. Rude.

o cruzamento desigual provocado, offerecia cinco mil libras de indemnização para abafar o negócio, aconselhando ao domador que fosse buscar outro elefante branco, e que d'esta vez o tingisse menos.

— Como se fosse possível roubar durante a vida dois elefantes brancos! resmungou o domador furioso: pois bem iremos aos tribunales.

Mas tendo-lhe *attorneys* e *solicitors* garantido a perda da sua causa, Mayeris suspirando, contentou-se em nomear um curador do futuro elefantinho mulato, aceitou as cinco mil libras para os seus homens e sahio de Londres.

Depois quando conta com melancolia, esta aventura — demasiadamente phantastica para ser crível — acrescenta com um estranho timbre de voz onde parecem chasquear não sei que espiritos longinquos:

— Gloria, exito, riqueza? Vapor e nuvens! Antes de hontem perdou-se um reino por uma pancada dada com um loque; hontem dissipou-se um imperio por um cumprimento retribuido — tudo depende de nada. Finalmente, não é isto mysterioso? So a velha predição, se a agourenta ameaça do Deus d'aquelle paiz é digna da fé que inspira a tantos milhões d'homens, porque é que se salvou o imperio birmano, que afinal, será amanhã conquistado?...

Porque, é duro dizel-o em logar do me precaver levanamente, d'aquelle agua fatal para tingir e raptar o Elefante sagrado de Gadam Boudha, não me lembrei de encher, muito simplesmente, os meus peizados barris de ferro... com uma porção de pó de sapato.

L'ISLE ADAM.



## FELIZES?...

**A** Os vellos passar, á tarde, diziam os visinhos: Casadinhos de fresco.

E os dois, lado a lado, braço sobre braço, n'uma doce felicidade de noivos, iam-se, invocadas pela gente solteira d'aquella triste rua.

Eram estranhos ali, ninguém os conhecia. As Cabaças, umas tísticas bordadeiras de fardas, entangidos restos da antiga curiosidade indigena, esfalfavam-se com o desejo de conhecer a vida do casal. Como moravam do lado opposto á casa em que os estranhos habitavam, de quando em vez lá estava uma d'ellas, toda encolhida na sua magreza, friorenta, a cabeça encostada ás frestas da gelosia, os olhos em mira. Mas soffriam desillusões. Viviam os dois muito discretamente, sem visita, nem saíra, no egoismo de um gozo ignorado.

Durante o dia, ás vezes as janellas do salão ficavam abertas, para arejar; as abelhudas vinham logo, estendiam os esgolgados pescoccos, farejando novidades, com muitos segredinhos e olhos alerta... e passavam horas, ali assim, roendo-se de raiva, despeitadas, aborrecidas, porque encontravam a intercepção das grandes cortinas rendadas, soltas dos apanhadores. Demais, a creada que os servia era allemã, imperturbável aos cumprimentos, aspersa, serca, uma vassoura, andava sempre ás pressas azelamada, o olhar baixo, fitando o lagado.

Houve um sugelo, amigo das Cabaças, que, vendo-os sahir, em uma tarde, para o passeio costumario, disse conhecer a moça. Se lhe não illudiu a memoria, tinha ella morado, havia sete annos, em Santa Thereza. Por esse tempo era casada, isto é, casada ou não, é o que não podia garantir, mas em todo o caso vivia com

um homem louro que parecia inglez e tinha um filhinho, tambem louro, muito bonito...

E o caso foi correndo a rua, de casa em casa. Mas Orminda e Leopoldo continuavam a passar por ali, todas as tardes, indifferentes á impertinencia dos accessos olhares da vizinhança, lado a lado, braço sobre braço, n'uma doce felicidade de noivos.

Na realidade, ella fora casada com um inglez, sir James Motley, da firma Negaw, Lewis e Motley, e d'esse casamento teve um filho, o Eduardo. Havia sete annos, Motley, vencido pelo typho, alimentava tranquillamente as floridas roseiras, plantadas aos lados de um tumulo de marmore branco, onde, por baixo do seu nome, a piedosa recordação da esposa mandou lavar um — *Orai por elle.*

Devia ter, então, uns vinte e cinco annos. Não era uma belleza, mas possuia esse estranho poder da sympathia, que mais domina e prende que a classica pureza das linhas esculpturais. Palida e esbelta, com um rostinho de Senhora das Dóres, deixava sempre longa impressão a quem a notasse.

Brilhavam nos seus grandes olhos castanhos humidades de lagrimas, o quer que fosse de contemplativo e tristonho; mas a sua boca carnuda, rubra, como um pouco de fino vermelho em palheta de marfim, dava á sua physiognomia certa volupiosidade, uma meiguice de amor extremoso, gosado muito lenta e delicadamente.

E era sempre com um carinhoso cerrar de palpebras e os labios levemente dilatados, deixando reluzir lá dentro, no vivo quente da carne, os dentes comprimidos e certos como uma fila de esculpidos pingos de stearina, que fixava as pessoas dignas da sua attenção. Proveu-lhe d'isto a clandestina reputação de... esplendida.

Quando d'ella se fallava, em rodas de homens dizia-se: A esplendida viúva Motley, aquella adoravel viuvinha...

Rica e bonita, soube no entanto fugir ás tentações de muitos pretendentes, e, com o filhinho, em menino de dez annos, louro d'esse louro esbranquiado das creanças septentrionaes, foi morar em uma casinha da praia do Flamengo, alegre vivenda de brancas paredes altas, com janellas de gelosia verde-esmeralda.

Uma tarde, ás cinco horas, ao fechar a pagina de um romance, deu pela ausencia do filho. Chamou-o, mas Eduardo não apparecia. Sentiu um golpe fino no coração; empallideceu, fria e temerosa. Rebucou-o por toda a casa, inutilmente. A creada asseverava que o viu no jardim, e ella com o coração opprimido, a cabeça doida, desceu as escadas aos tropeços, sem forças quasi. Andou pelo jardim, desvaireada, livida, ferindo as mãos e o rosto nos entrelaçamentos grimantes dos roseirões, nas pequenas touceiras de bambús; e não houve canto que não batésse, afflicta, enciando, esgazendo os olhos para ver melhor, mais nitido; abaixando-se, coçando-se com a grama dos canteiros, rastejando pelo chão, para olhar de perto, para convencer-se de que elle, o seu filhinho idolatrado não estava ali. E nada. Tudo immorto. N'aquella solidão de pequeno canto de terra plantada, entumescida de seiva, onde arvores levantavam a risonha opulencia de suas copas e, nas galhadas novas, botões entreabriam-se como o prolongamento da vida das flores, já desabrochadas, a sua dor crescia, avolumava-se, disforme, mais dilaceradora, mais aguda, porque era só ella, ella só, quem sentia, quem soffria.

Desanimou; sentia por espaços arquejante, a olhar, idiota, o jardim. Um alquebramento dominava o seu corpo, o coração, que parecia diminuir, batia rapido, fazendo intejar as artérias; veio-lhe ao lallyne a incandescencia de um nó suffocador... Mas era preciso encontrar Eduardo. Sahiu para a vizinhança a perguntar pelo filho.

A's negativas ficava mais afflicta, respirando difficilmente, muito branca, sem sangue, com os olhos cavos, aterrados. A cada pessoa

que chegava, implorava informações, suspensa das palavras que ella dizia, sempre inúteis, dos animadores sempre.

Alguns visinhos, condoidos da sorte da infeliz, mandaram creados procurar o menino; outros cercavam-na banalmente tranquilisadores. E chegava um dos envidos. Ella corria a seus passos, de mãos postas, quasi sem voz: « Encontrou-o? Onde? »

Era triste, horivelmente triste, dizer-lhe: não. Antes mentissem, dessem á sua alma uma esperança, vá que fosse. Mas dizer-lhe: não, de chofre, assim sem piedade, era torturar-lhe o coração ferido. E vieram outros e outros mais dizer-lhe — não, a palavra horrivel. Já nem sabia ella que fazer. Ouvia-os, e rolava a cabeça sobre os hombros, desoladamente sem lagrimas, n'uma agonia lenta.

Mas um chacareiro da vizinhança, que chegava n'esse momento, contou que, ao sahir de casa, viu um menino louro a brincar com uma canoa na praia...

Instinctivamente os olhares voltaram-se para o mar. E viram ao longe, lá-baixo, sobre a irrepleta face das vagas, um pequenino ponto negro, boiando, boiando sempre, como se fugisse, criminoso, para as longinquas paragens onde os curvos vagalhões do oceano escabujam com a assalariada alegria da espuma branca. Correu, então, por todos um *frisson* de terror. Orminda, que subitamente estacou a olhar para o vazio barquinho, tão feliz na sua fuga, na suave oscillação das ondas, de um relance tudo comprehendeu. Abriu os olhos como louca, e, n'um estertor de agonia, arrancou do peito, bem do fundo de todo o seu ser, um grito, fremente, agudo:

— Meu filho! Meu filho!

Dois annos depois, tendo contrahido segundas nupcias em Minas, veio para o Rio de Janeiro tratar-se de um pequeno incommodo de saúde. Tinham-lhe recomendado boa alimentação e passeios, passeios, longos, bons sitios, ar puro...

Orminda vivia agora para o seu Leopoldo em cujo coração encontrava um devotamento sem limites. Todas as tardes, ás quatro horas, sahiam a passeio e iam-se, lado a lado, braço sobre braço, muito felizes, unidos por uma affeição mutua de enamorados. N'uma tarde, casualmente encaminhara-se para a praia do Flamengo. Quando ella reconheceu o logar onde se achavam, veio-lhe um irresistivel desejo de correr toda a praia, de ver a sua antiga casinha de altas paredes brancas, o ninho de todos os seus soffrimentos.

Eram cinco horas, precisamente a hora em que, havia cinco annos, saíra de casa, afflicta á procura do filho. Derramava-se, por todo, uma grande paz dormente. Do concavo céu, alto, lá em cima, pallido e sem nuvens, a tarde descia, de vagar. No fundo, a linha irregular e baixa das montanhas tinha um tom violeta, secco e esfumado, de *pastel*. Alvejava, longe, a brancura de pequeninas casas, semeadas pelos rufos da vegetação e uma esguia tira de torre dominava a casaria toda.

Orminda reconstruía, mentalmente, as scenas tristissimas d'aquelle tempo, mas essas vinham como as saudades vencidas, apagadas, quasi sem cor, imagens transparentes em claridade tibia. No entanto fora ali que ella passara os dias mais infelizes da sua existencia.

Ainda via a casa em que morou, mas com outro aspecto. Tinham-lhe feito uma platibanda com dois jarrões lateraes, e ornamentado as janellas. No jardim arrancaram algumas arvores: faltava a figueira brava, velha, do grande copa olorosa; uma amendoeira bonita, alta: e o bambual, junto ao muro, estava seccando. Construíram mais casas novas...

Leopoldo convidou-a para sentar-se á beira-mar. Foi. Aquillo fazia bem á alma, chegava-lhe como, um echo de musica dulcissima que





PARIS NO VERÃO. — A NOITE NOS CAFÉS CONCERTOS DOS CAMPOS ELISEUS.



OS MEZES ILUSTRADOS. — SETEMBRO.

*Composição de Habert-Dys.*



se ouviu, ha muitos annos, no asoar de um tempo feliz. E muito attenta olhava o mar. Vinham as ondas á praia, uma, depois outra, e outra depois e mais outra. Soava um lamento quando ellas chegavam... e estendiam-se sobre a areia, depressa, esfarrapando-se nas pedras soltas, espargindo flocos de neve. Ah! era o mar que lhe falava, agora, tão chorosa; elle, o máo, elle que lhe roubara o filho!

Estendeu a vista sobre a grande superficie das aguas para descobrir um ponto negro, lá-baixo, boiando, boiando sempre que a memoria trazia-lhe a esta dolorosa lembrança. Que dor, Jesus! essa, a de ter perdido o seu Eduardo. K nunca mais viu o seu composinho. Encontraram-no, dias após o desastre. Mas ouviu dizer que estava desfigurado; as pedras comeram-lhe as faces, devoraram a sua boquinha, deixaram-no horroroso de ver-se.

Ella fugiu, então de ir vel-o, assim tão feio o seu bello filhinho; não quiz conservar o retrato d'aquelle anjinho que devia aterronisar. E era isso que mais lhe mordia o coração. Quanto as outras mães montam as filhas, vão ellas, assantadas dedicacões, enfeitur-lhes de flores os pequeninos caixões, e beijam-as, e os abraçam, na despedida eterna.

Ella, porém, não teve ao menos, esta consolação, mesquinha embora, mas tranquilisadora. Como se recordava d'elle, neste momento! Era um tagarela, traquinas, sadio. A' hora da escola fazia manhas, uma dórscinha de cabeça, ou o pé que estava doído, ou o dente que o atormentava.

De volta do collegio, á tarde, já não parecia o mesmo. Beijava-a nas faces, cantava lengalengas engraçadas, historinhas dos collegios, mil criancieiros alegres como o gazouillis da passareda que se recolheu. E' boazito. Um menino lindo, com o seu typo de ingloz, a pelle fresca, o cabelo de um louro esbranquiçado, sedoso, macio á mão. Em criança tinha o cabelo tão claro, que parecia prata.

O papai, aquelle bom e delicado Moody, passava-lhe a mão sobre a cabecinha, e ria: «ó nascido honte! e já está velho!»

la descendo, lentamente, inconscientemente, pelo pendão da sensibilidade. Todo o passado surgia-lhe, saudoso, com uma vela que passa ao longe, na immensa monomania azul do oceano. O filho trouxe-lhe a recordação do primeiro espasmo, da existencia serena que fruiu em sua companhia, das suas primeiras alegrias de noivo

Leopoldo ficou

— Está triste, Orminda.

— Não, murmurou ella, desceida, sem voltar o rosto.

Mas o marido sentiu a afimnetada do ciúme. Elle pensava, talvez, no filho e essa criança, que nunca viu, mas de quem teve noticias acorrdaria na sua cabecinha recordações do primeiro espasmo, da existencia serena que fruiu em sua companhia, das suas primeiras alegrias de noivo

Durante minutos olhou-a, calado, observador. Era seductora assim, com o olhar contemplativo e triste, perdida nas vagas, a bocca meio-aberta, respirando compassada e lentamente. Estava chic: um chapéu de palha, de aba larga e curva á frente do rosto, o cabelo negro enrodilhado, com uma unica trança, e um vestido leve, de voile creme com pequeninas rosas secas. Vexou-se de julgar a capaz de pensar no outro, no primeiro, n'aquelle que tinha beijado seus labios nunca beijados, que a idolatrou, talvez, vendo a sua belleza de moça respandecer pura sob a gazealvissima do noivado, perfumada pelas flores de laranjeira. Não. Orminda não pensava n'elle. Aquella tristeza, que transparecia nos seus olhos, era a da lembrança de seu filho. Ella foi mãe, e quem poderia exigir que apagasse da memoria a imagem sagrada de um filho morto? Ah! mas o filho era ainda uma parte do primeiro amor, o sangue do outro. Elle a queria, só, só, sem vinculos que a

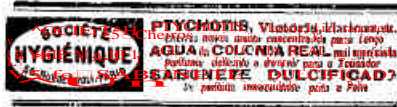
prendessem a outras existencias, por mais puras que fossem.

Orminda voltou-se para Leopoldo; reparou que o seu olhar a devorava. Tinha-o bem de frente, e aquellos olhos negros, aquellos labios sanguineos cobertos pela espessura de um bello bigode, fizeram-na esquecer tudo.

Foi como o desmontamento de um castello de cartas o que se passou na sua alma. K, com o curioso olhar de palpebras cerradas, os labios dilatados de leve, deixavam reluzir lá dentro, no vivo quente da carne, os dentes compilidos e certos como esculpiões pingos de steatite, disse-lhe:

— Vamo-mos, amor?

Gonzaga Duque Estrada.



## A REVISTA DAS REVISTAS

### Um banquete debaixo d'agua.

Os trabalhos de aprofundamento do porto de Cinto acabam de se concluir. Por este motivo, o director da empresa, M. Robert, offereceu á imprensa e ao pessoal de vigilancia um almogor mil. O original.

A meza havia sido collocada a oito metros abaixo do nível do mar, mesmo no fundo do porto, no interior da caixa dentro da qual trabalharam os operarios, e os estreitos parages d'esta caixa e que se paravam os convidados da enorme massa d'agua que se estendia por cima e em torno d'elles.

Esta sala de jantar d'um novo genero foi magnificamente illuminada e ornamentada; e sem o ligeiro zumbido causado pela pressão manciada na caixa para impedir a invasão da agua, os convidados nunca duvidariam que a menor proteccion no funcionamento das bombas d'ar bastaria para que se afogassem todos n'um instante.

Depois do banquete, houve concerto que preencheu a festa pela tarde adiante. Só tarde é que os convidados voltaram ao ar livre.

### Conservação da manteiga fresca.

A julgar pelo que nos diz a *Revue industrielle*, o acido carbonico acaba de resolver o difficil problema da conservação da manteiga fresca, sem lha modificar, nem o gosto, nem as qualidades.

A manteiga, collocada n'um recipiente de ferro no qual comprime-se acido carbonico pressão de 6 atmosferas, poderá conservar-se intacta durante cinco semanas.

Por aqui se comprehenderá facilmente o partido que se pode tirar d'uma tal descoberta.

### Uma serpente bicephala.

No parque de Windsor proximo de Londres, um soldado da guarda encontrou uma serpente com duas cabeças.

Era uma vibora da especie commum, as duas cabeças muito bem formadas, a da esquerda menos larga e menos vigorosa que a outra, que parece ser a cabeça normal. O focinho da esquerda parecia achatado e pouco visivel, o da direita dividido por uma prega funda.

O medico do regimento, que pagou ao soldado pelo animal 10 shelling, escreveu acerca d'isto uma carta em que diz que as serpentes bicephalas não são raras, mas não vivem muito tempo; esta tinha morrido havia pouco, e parecia ter vivido apenas tres semanas.



### Novo triocycle aquatico.

O *Scientific American* descreve um novo systema de triocycle aquatico bastante curioso.

Este apparelho consiste n'uma plataforma fixa sobre tres rodas do palhetas, duas atrez sobre um mesmo plano, e a terceira na parte anterior. D'esta plataforma, que serve ao mesmo tempo de base, partem tres montantes em ferro que supportam uma outra plataforma situada a alguns metros por cima da primeira, e sobre a qual está installada uma pequena machina a vapor tendo a forca d'alguia cavallos. O movimento desta machina é transmitido a um eixo vertical que governa um eixo horizontal fixado sobre a plataforma inferior. D'este eixo partem umas cadeas que são prezas ás rodas de palhetas. Os viajantes, que podem ser no numero de tres ou quatro, conservam-se sobre a plataforma superior. Um lema especial permite operar sobre a roda de diâmetro e de a dirigir á vontade.

### Os tramways electricos.

Na última sessão da *Societate International des electriciens*, o sr. Abdrak-Abdakaemwiz falou do desenvolvimento dos tramways electricos nos Estados-Unidos.

Nos tres últimos annos, cento e oitenta cidades adoptaram este systema de locomoção. O comprimento total dos caminhos de ferro electricos é actualmente de 3.000 kilometros aproximadamente, e utilisam-se por dia 300 cavallos para este género de tracção.

O numero de viagens transportadas no ultimo anno pelos tramways electricos elevava-se a 200 milhoes. E no corrente d'este anno duplicou a extensão dos caminhos electricos.

### Emigração e colonisação.

Folheando as recentes estatísticas, vê-se que o contingente annuo que as diferentes partes da Europa fornecem é emigração do velho mundo é na seguinte proporção:

Da Inglaterra emigram todos os annos 171.000 individuos; Alemanha, 87.000; Suíça, 3.000; Austria-Hungria, 46.000; Noruega, 21.000; Suécia, 5.000; Dinamarca, 9.000; França, 23.000; Portugal, 13.000; Hespanha, 71.000; Italia, 207.000. Total dos emigrantes europeus: 798.000.

Pode-se pois dizer que nos últimos annos, cerca de 700.000 pessoas por anno tem deixado a Europa para ir procurar fortuna nos paizes novos. As regiões meridionais da Europa enviam de preferencia os seus emigrantes para a America do Sul, e as regiões septentrionais continuam sobretudo para o augmento da população dos Estados-Unidos, do Canada e da Australasia.

Neste momento, porém, produz-se um certo abaxamento na emigração europeia. Na Inglaterra durante o periodo de 1876-1880 a emigração foi de 434.000 pessoas; em 1881-1885 373.000 por anno; no periodo de 1886-1890, emigraram 334.000, ou seja 187.000 por anno; em 1891-1895 emigraram 285.000 ou seja 171.000 por anno. Na Alemanha, nos cinco annos de 81-85 a media annual haviase de 163.000.

### Massa de Winchall.

M. Alexandre Winchall inventou um betume excellent, e onde nós achamos a composição no *English Mechanic*.

Tomam-se 4 partes de gomma arabica, 3 de amido de papa e 1 de assucar branco. Pulveriza-se a gomma arabica e desfaz-se alguma quantidade de agua bastante para dissolver o amido e o assucar na agua gomada assim obtida. Faz-se cozer esta solução n'um vaso conservando em agua a ferver até que o amido se torne limpo. O betume está então espesso como o alcatraz e conservando esta mesma consistencia. Para o preservar do holor colloca-se em gomma camphorada, ou então ajunta-se-lhe um pequena quantidade de oleo de sassafrax.

**PENSOPRIOS MILLERET**, classicos e sem passadicas. Le Gonidec, 13, r. Etienne-Marcel, Paris.



[illegible]

**CAUTELA COM AS CONTRAFAÇÖES**



\*\*\*\*\*

**GRÃOS** de BROMHYDRATO de QUININA BOILE contra nevralgias,  
febris entéricas, Gota - 14 - 1895 - 1900 - 1905 - 1910 - 1915 - 1920 - 1925 - 1930 - 1935 - 1940 - 1945 - 1950 - 1955 - 1960 - 1965 - 1970 - 1975 - 1980 - 1985 - 1990 - 1995 - 2000 - 2005 - 2010 - 2015 - 2020 - 2025 - 2030 - 2035 - 2040 - 2045 - 2050 - 2055 - 2060 - 2065 - 2070 - 2075 - 2080 - 2085 - 2090 - 2095 - 2100 - 2105 - 2110 - 2115 - 2120 - 2125 - 2130 - 2135 - 2140 - 2145 - 2150 - 2155 - 2160 - 2165 - 2170 - 2175 - 2180 - 2185 - 2190 - 2195 - 2200 - 2205 - 2210 - 2215 - 2220 - 2225 - 2230 - 2235 - 2240 - 2245 - 2250 - 2255 - 2260 - 2265 - 2270 - 2275 - 2280 - 2285 - 2290 - 2295 - 2300 - 2305 - 2310 - 2315 - 2320 - 2325 - 2330 - 2335 - 2340 - 2345 - 2350 - 2355 - 2360 - 2365 - 2370 - 2375 - 2380 - 2385 - 2390 - 2395 - 2400 - 2405 - 2410 - 2415 - 2420 - 2425 - 2430 - 2435 - 2440 - 2445 - 2450 - 2455 - 2460 - 2465 - 2470 - 2475 - 2480 - 2485 - 2490 - 2495 - 2500 - 2505 - 2510 - 2515 - 2520 - 2525 - 2530 - 2535 - 2540 - 2545 - 2550 - 2555 - 2560 - 2565 - 2570 - 2575 - 2580 - 2585 - 2590 - 2595 - 2600 - 2605 - 2610 - 2615 - 2620 - 2625 - 2630 - 2635 - 2640 - 2645 - 2650 - 2655 - 2660 - 2665 - 2670 - 2675 - 2680 - 2685 - 2690 - 2695 - 2700 - 2705 - 2710 - 2715 - 2720 - 2725 - 2730 - 2735 - 2740 - 2745 - 2750 - 2755 - 2760 - 2765 - 2770 - 2775 - 2780 - 2785 - 2790 - 2795 - 2800 - 2805 - 2810 - 2815 - 2820 - 2825 - 2830 - 2835 - 2840 - 2845 - 2850 - 2855 - 2860 - 2865 - 2870 - 2875 - 2880 - 2885 - 2890 - 2895 - 2900 - 2905 - 2910 - 2915 - 2920 - 2925 - 2930 - 2935 - 2940 - 2945 - 2950 - 2955 - 2960 - 2965 - 2970 - 2975 - 2980 - 2985 - 2990 - 2995 - 3000 - 3005 - 3010 - 3015 - 3020 - 3025 - 3030 - 3035 - 3040 - 3045 - 3050 - 3055 - 3060 - 3065 - 3070 - 3075 - 3080 - 3085 - 3090 - 3095 - 3100 - 3105 - 3110 - 3115 - 3120 - 3125 - 3130 - 3135 - 3140 - 3145 - 3150 - 3155 - 3160 - 3165 - 3170 - 3175 - 3180 - 3185 - 3190 - 3195 - 3200 - 3205 - 3210 - 3215 - 3220 - 3225 - 3230 - 3235 - 3240 - 3245 - 3250 - 3255 - 3260 - 3265 - 3270 - 3275 - 3280 - 3285 - 3290 - 3295 - 3300 - 3305 - 3310 - 3315 - 3320 - 3325 - 3330 - 3335 - 3340 - 3345 - 3350 - 3355 - 3360 - 3365 - 3370 - 3375 - 3380 - 3385 - 3390 - 3395 - 3400 - 3405 - 3410 - 3415 - 3420 - 3425 - 3430 - 3435 - 3440 - 3445 - 3450 - 3455 - 3460 - 3465 - 3470 - 3475 - 3480 - 3485 - 3490 - 3495 - 3500 - 3505 - 3510 - 3515 - 3520 - 3525 - 3530 - 3535 - 3540 - 3545 - 3550 - 3555 - 3560 - 3565 - 3570 - 3575 - 3580 - 3585 - 3590 - 3595 - 3600 - 3605 - 3610 - 3615 - 3620 - 3625 - 3630 - 3635 - 3640 - 3645 - 3650 - 3655 - 3660 - 3665 - 3670 - 3675 - 3680 - 3685 - 3690 - 3695 - 3700 - 3705 - 3710 - 3715 - 3720 - 3725 - 3730 - 3735 - 3740 - 3745 - 3750 - 3755 - 3760 - 3765 - 3770 - 3775 - 3780 - 3785 - 3790 - 3795 - 3800 - 3805 - 3810 - 3815 - 3820 - 3825 - 3830 - 3835 - 3840 - 3845 - 3850 - 3855 - 3860 - 3865 - 3870 - 3875 - 3880 - 3885 - 3890 - 3895 - 3900 - 3905 - 3910 - 3915 - 3920 - 3925 - 3930 - 3935 - 3940 - 3945 - 3950 - 3955 - 3960 - 3965 - 3970 - 3975 - 3980 - 3985 - 3990 - 3995 - 4000 - 4005 - 4010 - 4015 - 4020 - 4025 - 4030 - 4035 - 4040 - 4045 - 4050 - 4055 - 4060 - 4065 - 4070 - 4075 - 4080 - 4085 - 4090 - 4095 - 4100 - 4105 - 4110 - 4115 - 4120 - 4125 - 4130 - 4135 - 4140 - 4145 - 4150 - 4155 - 4160 - 4165 - 4170 - 4175 - 4180 - 4185 - 4190 - 4195 - 4200 - 4205 - 4210 - 4215 - 4220 - 4225 - 4230 - 4235 - 4240 - 4245 - 4250 - 4255 - 4260 - 4265 - 4270 - 4275 - 4280 - 4285 - 4290 - 4295 - 4300 - 4305 - 4310 - 4315 - 4320 - 4325 - 4330 - 4335 - 4340 - 4345 - 4350 - 4355 - 4360 - 4365 - 4370 - 4375 - 4380 - 4385 - 4390 - 4395 - 4400 - 4405 - 4410 - 4415 - 4420 - 4425 - 4430 - 4435 - 4440 - 4445 - 4450 - 4455 - 4460 - 4465 - 4470 - 4475 - 4480 - 4485 - 4490 - 4495 - 4500 - 4505 - 4510 - 4515 - 4520 - 4525 - 4530 - 4535 - 4540 - 4545 - 4550 - 4555 - 4560 - 4565 - 4570 - 4575 - 4580 - 4585 - 4590 - 4595 - 4600 - 4605 - 4610 - 4615 - 4620 - 4625 - 4630 - 4635 - 4640 - 4645 - 4650 - 4655 - 4660 - 4665 - 4670 - 4675 - 4680 - 4685 - 4690 - 4695 - 4700 - 4705 - 4710 - 4715 - 4720 - 4725 - 4730 - 4735 - 4740 - 4745 - 4750 - 4755 - 4760 - 4765 - 4770 - 4775 - 4780 - 4785 - 4790 - 4795 - 4800 - 4805 - 4810 - 4815 - 4820 - 4825 - 4830 - 4835 - 4840 - 4845 - 4850 - 4855 - 4860 - 4865 - 4870 - 4875 - 4880 - 4885 - 4890 - 4895 - 4900 - 4905 - 4910 - 4915 - 4920 - 4925 - 4930 - 4935 - 4940 - 4945 - 4950 - 4955 - 4960 - 4965 - 4970 - 4975 - 4980 - 4985 - 4990 - 4995 - 5000 - 5005 - 5010 - 5015 - 5020 - 5025 - 5030 - 5035 - 5040 - 5045 - 5050 - 5055 - 5060 - 5065 - 5070 - 5075 - 5080 - 5085 - 5090 - 5095 - 5100 - 5105 - 5110 - 5115 - 5120 - 5125 - 5130 - 5135 - 5140 - 5145 - 5150 - 5155 - 5160 - 5165 - 5170 - 5175 - 5180 - 5185 - 5190 - 5195 - 5200 - 5205 - 5210 - 5215 - 5220 - 5225 - 5230 - 5235 - 5240 - 5245 - 5250 - 5255 - 5260 - 5265 - 527



